

| | | | | |
|----------------------------------|----------------|-------------------------|-------------|----------------|
| Público 15-10-2009 | Periodicidade: | Diário | Temática: | Cultura |
| | Classe: | Informação Geral | Dimensão: | 129 |
| | Âmbito: | Nacional | Imagem: | S/Cor |
| | Tiragem: | 75000 | Página (s): | 9 |



A redescoberta de Marcos Portugal

A ópera *La Zaira* em primeira audição moderna na Gulbenkian

Cristina Fernandes

Com uma extensa produção no domínio da ópera e da música sacra, Marcos Portugal (Lisboa, 1762-Rio de Janeiro, 1830) foi o compositor da história da música portuguesa cuja obra conheceu maior projecção internacional. As suas óperas e peças de música sacra foram difundidas por toda a Europa, no Brasil e em vários outros países da América Latina e nalguns casos permaneceram no repertório várias décadas. O lugar que Marcos Portugal ocupou no passado contrasta com a escassa presença das suas obras na vida musical actual, mas nos últimos tempos há alguns sinais de mudança. A primeira audição moderna da ópera

La Zaira (em versão de concerto), hoje na Gulbenkian, constitui um dos traços dessa mudança. Quanto à música sacra, prevê-se que em breve estejam disponíveis gravações das *Motinas de Natal*, pelo Ensemble Turicum (etiqueta Paraty) e da *Missa Grande* pelo Coro de Câmara de Lisboa (Numérica). O desconhecimento da obra de Marcos Portugal e de tantos outros compositores portugueses deve-se em parte à escassez de edições modernas. No caso de *La Zaira*, a transcrição realizada por Bárbara Villa-Lobos no âmbito da sua tese de mestrado e do projecto Edições Críticas da Música de Marcos Portugal, promovido pelo Cesem (Centro de Estudos de Estética e Sociologia da Música)

da Universidade Nova de Lisboa, veio facilitar a tarefa. Estreada em 1802 no Teatro de São Carlos, *La Zaira* baseia-se num libreto de Mattia Bottoruni, adaptado por Giuseppe Caravita e inspirado na peça homónima de Voltaire (1732). Conta uma história trágica de forte intensidade dramática onde amor e religião pairam sobre a relação de Zaira, uma escrava cristã, e do sultão muçulmano Orosmane. O papel principal foi destinado à soprano Angelica Catalani, a *prima donna* do teatro lisboeta entre 1801 e 1806, famosa pelos seus dotes vocais mas também pela sua rivalidade com o *castrato* Crescentini. A obra foi revista em 1804 em função de algumas alterações no elenco e da procura de um maior *pathos* e

coerência dramática, sendo esta a versão que poderemos ouvir na Gulbenkian, sob a direcção de Jorge Matta, que substitui o maestro Claudio Scimone. *La Zaira* segue as tendências das óperas pré-rossinianas, contendo também alguns elementos da antiga ópera séria setecentista e recorrendo por vezes a uma ambiência orientalista idealizada decorrente da temática do libreto. Marcos Portugal estudou no Seminário de Música da Patriarcal, tornando-se depois organista e compositor da Igreja Patriarcal de Lisboa. Em 1792 partiu para Itália (Nápoles) com protecção régia, iniciando uma intensa carreira internacional como compositor de ópera nos principais teatros

italianos e em cidades como Londres, Dresden, Hamburgo, Viena ou São Petersburgo. De regresso a Lisboa em 1800, tornou-se director do Teatro de São Carlos e professor do Seminário da Patriarcal. Em 1811 partiu para o Rio de Janeiro por solicitação do futuro D. João VI, a fim de ocupar o cargo de mestre de música da família real.

La Zaira

De Marcos Portugal (versão concerto) Maria José Moreno, Angelo Scardina, Aldo Caputo, Rui Baeta e outros (cantores). Coro e Orquestra Gulbenkian. Jorge Matta (direcção) Lisboa, Grande Auditório Gulbenkian, hoje e dia 17, às 20h00.